

## Sobre a lógica do conhecimento de si mesmo

Cosme D. B. Massi

Você acaba de adquirir uma casa antiga. Seu desejo é reformá-la. Para tanto, contrata um arquiteto que planejará a obra e um engenheiro que a executará, auxiliado por outros profissionais.

Em dado momento o engenheiro chama um pedreiro para orientá-lo sobre a reforma de uma das paredes da casa, estabelecendo com ele o seguinte diálogo:

— Esta parede é constituída, na sua intimidade, de uma madeira de excelente qualidade que precisa ficar à vista. Você deve trabalhar nela.

— **O que devo fazer?** — Pergunta o pedreiro.

— Deve retirar, com cuidado, todas as camadas que cobrem a madeira.

— **Como devo fazer?**

— Você deve raspar as diversas camadas que cobrem a madeira, utilizando-se da talhadeira, da lixa de madeira e das demais ferramentas apropriadas para a raspagem dos revestimentos de tinta que cobrem a madeira.

Alguns minutos após ter iniciado a tarefa que lhe foi ordenada, o pedreiro volta a falar com o engenheiro, perguntando-lhe:

— **É possível fazer?** Estou diante de uma grande dificuldade. Descubro agora que esta parede esta coberta não apenas com demãos de tinta, mas também com uma grossa capa de concreto armado. Infelizmente não poderei executar a tarefa com as ferramentas que me foram dadas. As ferramentas não são adequadas. Precisarei de outras mais apropriadas para o trabalho.

— É verdade! — Responde o engenheiro. Para que você possa executar a tarefa, novas ferramentas deverão ser utilizadas. Pegue lá no depósito a picareta, o martelo, a britadeira e tudo o mais que seja necessário para quebrar a camada de concreto. Se novas dificuldades surgirem, encontre maneiras de resolvê-las. Não desanimemos! O trabalho precisa ser feito.

Mesmo munido de novas ferramentas, disposição e ânimo firme, o pedreiro resolve, antes de voltar ao trabalho, consultar o arquiteto. Passados alguns instantes, chama novamente o engenheiro e indaga-lhe:

— **Por que devo fazer?** Para que todo este trabalho? A camada de concreto é espessa. O esforço despendido será muito grande e tomará muito tempo.

— Você deve executar a tarefa. É uma ordem. Além do mais, o que queremos é a estrutura interna de madeira, não esta coberta de concreto. Vamos! Mãos à obra. O tempo é curto.

— Você tem mesmo certeza de que devo fazer esta tarefa? Eu acabei de conversar com o arquiteto e ele me disse que esta parede vai ser derrubada. Ela não mais existirá nesta casa. Não será em vão meu esforço? De que adianta reformar algo que não vai continuar existindo. Não parece isto ilógico?

— Ah! Você tem razão. — Concluiu o engenheiro. Eu me equivoquei. Não prestei atenção nesse detalhe fundamental. Obrigado! Trabalhem na reforma das outras partes da casa que ficarão de pé.

Esse pequeno diálogo, embora singelo, nos oferece uma metáfora que pode ser útil nas mais diversas situações em que algum método prático é fornecido. Assim, se alguém nos propõe um meio prático, um procedimento prático qualquer para se realizar uma tarefa, procuremos, antes de aplicá-lo, responder às quatro questões destacadas em negrito no diálogo acima:

“**O que fazer?**” – Isto é, qual é mesmo o método sugerido? É preciso entender bem o que deve ser feito, da forma mais clara e precisa quanto possível. Mas, não basta *saber o que fazer*, é fundamental *saber como fazer*. Para isto, precisamos responder também à pergunta:

“**Como devo fazer?**” – Como executar o procedimento proposto? Todas as condições e recursos disponíveis, no contexto da tarefa, devem ser cuidadosamente analisados. As reais condições de

aplicação do método precisam ser conhecidas e ponderadas. Trata-se de colocar a teoria em prática. Todo cuidado é pouco. Muitas vezes é na hora da utilização prática do meio proposto que ganhamos mais clareza sobre ele e compreendemos suas reais limitações. Dificuldades na execução poderão surgir, neste caso a pergunta seguinte precisará ser respondida:

**“É possível fazer?”** – A resposta a esta pergunta nos permitirá enfrentar os obstáculos de forma mais segura, pois nos dará a conhecer os limites e possibilidades do procedimento proposto. Saber dos limites e das reais condições de aplicação do método pode levar ao conhecimento da diferença entre um método utópico, cujos resultados jamais serão alcançados, e outro verdadeiramente efetivo, que nos conduzirá com sucesso aos objetivos desejados.

Ninguém, em sã consciência, vai aplicar, com segurança e bom ânimo, um método qualquer se não tiver boas razões para fazê-lo. Precisamos de boas razões para os meios a serem empregados, tanto quanto para os fins almejados. Por isso, mesmo tendo respostas satisfatórias para as três questões anteriores, a última pergunta que segue precisará ser respondida.

**“Por que devo fazer?”** – Não fazer por fazer. De que adianta, como no diálogo acima, reformar uma parede que será derrubada. Embora nem sempre os fins justifiquem os meios, sempre deveríamos ter boas razões para ambos. Não se deveria gastar tempo e esforço em vão.

O leitor deve estar se perguntando: “o que tudo isso tem a haver com o tema em epígrafe?” .

A resposta é simples. O esquema acima, representado pelas quatro questões em negrito, fornece uma proposta sobre a estrutura lógica da resposta dada por Santo Agostinho à pergunta 919 a, de *O Livro dos Espíritos*.

Como o leitor já sabe, as perguntas 919 e 919 a tratam do conhecimento de si mesmo:

919. *Qual o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal?*

“Um sábio da Antigüidade vo-lo disse: *Conhece-te a ti mesmo.*”

a) – *Conhecemos toda a sabedoria desta máxima; porém a dificuldade está precisamente em cada um conhecer-se a si mesmo. Qual o meio de consegui-lo?*

Na sua resposta a essa pergunta 919 a, Santo Agostinho propõe seu método prático para se alcançar o autoconhecimento. Inicialmente, no primeiro parágrafo, ele aborda as duas primeiras questões destacadas acima: **“O que fazer?”** e **“Como devo fazer?”**.<sup>1</sup>

**“O que fazer?”** O que devo fazer para alcançar o autoconhecimento? *Faça perguntas a si mesmo.*

“Fizei o que eu fazia quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava revista ao que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para de mim se queixar.”

Porém, conforme já assinalamos acima, para se colocar em prática a resposta à primeira questão, deve-se responder também à segunda questão **“Como devo fazer?”**. Isto é, como fazer perguntas a mim mesmo? Que tipo de perguntas devo fazer? Muitas perguntas são possíveis. Como selecionar as mais adequadas? Lembremos que o item sobre o autoconhecimento foi colocado no capítulo sobre a *Perfeição Moral*. O autoconhecimento não é um fim em si mesmo, ele tem por objetivo o aperfeiçoamento moral do ser. Na própria pergunta 919, o objetivo do autoconhecimento

---

<sup>1</sup> No original francês a resposta foi dada em três parágrafos. Em todas as citações utilizamos a tradução de Guillon Ribeiro, publicada pela FEB, itens 919 e 919 a, com as revisões propostas por Silvio Seno Chibeni.

é explicitado: *melhorar nesta vida e resistir à atração do mal*. As perguntas devem conduzir a essas finalidades.

“Aquele que, todas as noites, evocasse todas as ações que praticou durante o dia e inquirisse de si mesmo o bem ou o mal que fez, rogando a Deus e ao seu anjo guardião que o esclarecessem, grande força adquiriria para se aperfeiçoar, porque, crede-me, Deus o assistiria. Dirigi, pois, a vós mesmos perguntas, interrogai-vos sobre o que tendes feito e com que objetivo procedestes em tal ou tal circunstância, sobre se fizestes alguma coisa que, feita por outrem, censuraríeis, sobre se obrastes alguma ação que não ousaríeis confessar. Perguntai ainda mais: “Se aprobevesse a Deus chamar-me neste momento, teria que temer o olhar de alguém, ao entrar de novo no mundo dos Espíritos, onde nada pode ser ocultado?” Examinai o que pudestes ter obrado contra Deus, depois contra o vosso próximo e, finalmente, contra vós mesmos. As respostas vos darão, ou o descanso para a vossa consciência, ou a indicação de um mal que precise ser curado.”

Ao começar a aplicar o método sugerido por Santo Agostinho nos deparamos com um grande obstáculo. Como na metáfora do início deste texto, uma espessa capa de concreto bloqueia nosso mundo íntimo: o auto-engano. Não será fácil atravessá-la.

“Mas, direis, como há de alguém julgar-se a si mesmo? Não está aí a ilusão do amor-próprio para atenuar as faltas e torná-las desculpáveis? O avarento se considera apenas econômico e previdente; o orgulhoso julga que em si só há dignidade.”

O problema do auto-engano, muito bem identificado pelo Espírito, é a maior barreira ao conhecimento de si mesmo. Nosso olhar sobre nós mesmos, pelo menos no que diz respeito à busca de autoconhecimento em sentido amplo, sofre das mesmas limitações que surgem quando o dirigimos ao mundo fora de nós. Nunca temos acesso *imediatamente* a toda a riqueza de nosso mundo interior. O autoconhecimento (e também o conhecimento das coisas fora de nós) é sempre *mediado* por nossa subjetividade. Não temos como sair de nós mesmos e a partir de um ponto externo buscar um saber isento e seguro de nossa vida interior. A objetividade absoluta é impossível. Não se pode impedir que o objeto de minha introspecção, isto é, eu mesmo, sofra a interferência da minha subjetividade. Não é à-toa que o ditado popular afirma: “Ninguém é bom juiz em causa própria”. Trata-se do insolúvel problema da interferência do sujeito no objeto, que vale para toda forma de conhecimento, inclusive a introspecção.

Embora não se possa ter um conhecimento isento e seguro, pode-se amenizar a interferência de nossa subjetividade. No conhecimento do mundo fora de mim, busco contrabalançar a interferência da minha própria subjetividade criando um espaço de interação intersubjetiva, isto é, submetendo o conhecimento à análise crítica e pública da razão.

Algo análogo pode ser praticado no autoconhecimento. Podemos analisar racionalmente nossa conduta utilizando-nos das contribuições dos outros a nosso respeito. Para aprendermos com mais segurança sobre nós mesmos, devemos prestar atenção nas opiniões dos outros. Muitas vezes, essas opiniões podem ser percebidas sem que nada tenha sido dito: basta observar com atenção as reações e emoções que neles despertamos. Quanto mais isenta e sincera for a opinião dos outros sobre nós, melhor poderemos aproveitá-la. Por isso é muito importante conhecer a opinião de nossos inimigos. Precisamos dos outros, mesmo no autoconhecimento. Mais uma lição da sabedoria divina, consequência da Lei de Sociedade. Nem mesmo o progresso moral individual dispensa a ajuda, quiçá involuntária, dos nossos semelhantes.

Claro que a decisão final sobre o valor da nossa própria conduta será sempre nossa. As contribuições dos outros deverão ser honestamente ponderadas à luz da minha razão. A interferência da minha subjetividade é inevitável. Daí a importância do *desejo sério de melhorar-se*, de se ouvir a voz da consciência, *guardiã da probidade interior*.

“Quando estiverdes indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, inquiri como a qualificaríeis, se praticada por outra pessoa. Se a censurais noutrem, não a podereis ter por legítima quando fordes o seu autor, pois que Deus não usa de duas medidas na aplicação de Sua justiça. Procurai também saber o que dela pensam os vossos semelhantes e não desprezeis a opinião dos vossos inimigos, porquanto esses nenhum interesse têm em mascarar a verdade, e Deus muitas vezes os coloca ao vosso lado como um espelho, a fim de que sejais advertidos com mais franqueza do que o faria um amigo. Perscrute, conseguintemente, a sua consciência aquele que se sinta possuído do desejo sério de melhorar-se, a fim de extirpar de si os maus pendores, como do seu jardim arranca as ervas daninhas. Faça o balanço de seu dia moral, como o comerciante faz o de suas perdas e seus lucros; e eu vos asseguro que a primeira operação será mais proveitosa do que a segunda. Se puder dizer que foi bom o seu dia, poderá dormir em paz e aguardar sem receio o despertar na outra vida ”

Como se vê, a tarefa do autoconhecimento exige esforço e boa vontade. Ela precisa ser constante e permanente. Mas, dirão alguns: “vale a pena esse esforço?”. Se a parede vai deixar de existir, por que reformá-la? De que adianta todo o empenho para romper a barreira árdua e difícil do auto-engano se a vida dura tão pouco?

Não basta, portanto, ter respostas adequadas para as três primeiras questões destacadas na metáfora inicial. É fundamental ter também uma boa resposta para a quarta e última “**Por que devo fazer?**”.

Por que devo realizar essa tarefa espinhosa do autoconhecimento? Deixemos a resposta com Santo Agostinho:

“Justo é que se gastem alguns minutos para conquistar uma felicidade eterna. Não trabalhais todos os dias com o fito de juntar haveres que vos garantam repouso na velhice? Não constitui esse repouso o objeto de todos os vossos desejos, o fim que vos faz suportar fadigas e privações temporárias? Ora, que é esse descanso de alguns dias, turbado sempre pelas enfermidades do corpo, em comparação com o que espera o homem de bem? Não valerá este outro a pena de alguns esforços? Sei haver muitos que dizem ser positivo o presente e incerto o futuro. Ora, esta exatamente a idéia que estamos encarregados de eliminar do vosso íntimo, visto desejarmos fazer que compreendais esse futuro, de modo a não restar nenhuma dúvida em vossa alma.”

Em artigo publicado no *Reformador*, julho de 1997, abordamos a estrutura didática e lógica de *O Livro dos Espíritos*. Nosso propósito, naquele artigo, foi o de fornecer subsídios para uma análise cuidadosa da “Tábua das Matérias”, isto é, do índice de *O Livro dos Espíritos*, com o objetivo de explicitar uma *lógica* subjacente à *ordem* e à *distribuição metódica* das matérias.

Algo análogo fazemos agora quando procuramos mostrar que *há uma lógica subjacente* à resposta dada por Santo Agostinho à questão 919 a. Esta afirmativa vale para todo o livro. Sua lógica e profundidade jamais serão esgotadas por nós. Teremos sempre o que aprender com o ele. E a razão é simples, ele foi escrito pelos Espíritos mais evoluídos que já viveram entre nós. Neste ano em que comemoramos o sesquicentenário deste livro notável, saibamos valorizá-lo estudando-o com dedicação e apreço.